

1

Chovia tanto no dia em que o meu avô morreu que eu mal conseguia ver. Perdido na multidão de chapéus de chuva, tentei apanhar um táxi. Não sabia de onde me vinha tanta pressa, era absurdo, de que servia correr, ele estava lá, estava morto, não ia certamente sair do mesmo sítio.

Dois dias antes, ainda estava vivo. Eu tinha ido visitá-lo ao Hospital de Kremlin-Bicêtre, com a esperança incômoda de que fosse a última vez. A esperança de que o longo calvário chegasse ao fim. Ajudei-o a beber por uma palhinha. Metade da água derramou-se ao longo do pescoço e ainda lhe encharcou uma boa parte da camisa, mas, naquele momento, ele já estava muito para lá do desconforto. Olhou para mim com um ar desamparado, com a lucidez dos seus dias de saúde. Era essa seguramente a maior violência, senti-lo consciente do seu estado. Cada sopro anunciando-se como uma decisão insuportável. Queria dizer-lhe que o amava, mas não consegui. Penso ainda nessas palavras — e no pudor que me deteve na incompletude sentimental. Um pudor ridículo em tais circunstâncias. Um pudor imperdoável e irremediável. Quantas vezes me atrasei nas palavras que gostaria de ter dito! Nunca poderei fazer marcha-atrás em direção a essa ternura. Salvo, talvez, agora, com a escrita. Posso dizer-lho, aqui.

Sentado numa cadeira, ao seu lado, tinha a impressão de que o tempo não passava. Pretensiosos, os minutos tomavam-se por horas.

Era lento morrer. Às tantas, o meu telemóvel anunciou uma nova mensagem. Fiquei em suspenso, mergulhado numa falsa hesitação, porque, lá no fundo, senti-me feliz com aquela mensagem, feliz por ter sido arrancado ao torpor, nem que fosse por um segundo, nem que fosse pela mais comezinha das razões. Já não sei ao certo qual era o conteúdo da mensagem, mas lembro-me que respondi de imediato. Assim, e para sempre, esses escassos segundos sem significado parasitam a memória deste momento crucial. Sinto uma culpa terrível por essas dez palavras enviadas a uma pessoa que não significa nada para mim. Nessa altura, acompanhava o meu avô no seu caminho até à morte e, por todos os meios, procurava forma de não estar presente. Pouco importa aquilo que poderia dizer da minha dor, a verdade é esta: a rotina secara-me. Será que nos habituamos ao sofrimento? É possível sofrer realmente e, ao mesmo tempo, responder a uma mensagem.

Os últimos anos tinham sido, para ele, apenas uma longa degradação física. Viajara de hospital em hospital, de *scanner* em *scanner*, nessa valsa lenta e ridícula das tentativas de prolongamento da nossa vida moderna. Para quê todos esses últimos trajetos que não eram mais do que um adiamento? Ele gostava de ser um homem: gostava da vida. Não queria beber por uma palhinha. E eu, eu gostava de ser o seu neto. A minha infância é uma caixa cheia das nossas recordações. Podia contar tantas coisas acerca dela, mas não é disso que trata este livro. Digamos, em todo o caso, que o livro pode começar por aí. Por um episódio no Jardim do Luxemburgo, onde, com frequência, íamos ao teatro de marionetas. Apanhávamos o autocarro, atravessávamos Paris inteira, ou talvez fossem apenas alguns quarteirões, mas a viagem parecia-me desmesuradamente grande. Era uma expedição, e eu um aventureiro. Como fazem as crianças, estava sempre a perguntar:

— Já estamos a chegar?

— Não, nem pensar! O teatro fica no fim da linha — volvia ele, sistematicamente.

E, para mim, o fim daquela linha tinha o sabor do fim do mundo. Durante o trajeto, o meu avô consultava o relógio, com essa

inquietação tranquila das pessoas que estão sempre atrasadas. Corríamos, para não perder o início. E ele ia cheio de entusiasmo, tanto como eu. Infalivelmente, gostava da companhia das mães de família. A mim cabia-me dizer que era seu filho, e não seu neto. Para lá do limite, o bilhete para o teatro de marionetas era sempre válido.¹

Vinha buscar-me à escola, e isso fazia-me feliz. Era capaz de levar-me ao café e, por mais que, ao fim do dia, eu cheirasse a tabaco, perante a minha mãe, ele negava a evidência. Ninguém acreditava nele e, no entanto, tinha o charme irritante daqueles a quem nunca se censura nada. A minha infância, passei-a maravilhado por esta figura festiva e jocosa. Não sabíamos muito bem o que ele fazia, estava sempre a mudar de emprego e mais parecia um ator do que um homem como os outros. Já fora, sucessivamente, padeiro, mecânico, florista, talvez até psicoterapeuta. Depois do enterro, os amigos que se tinham deslocado ao cemitério contaram-me inúmeras histórias. Compreendi, então, que nunca conhecemos verdadeiramente a vida de um homem.

Os meus avós conheceram-se num baile. Naquela época, era comum. Havia o *carnet* de baile e o da minha avó estava bem preenchido. O meu avô reparara nela, tinham dançado, e toda a gente pôde constatar que existia uma harmonia entre aqueles dois pares de joelhos. Juntos, eram como uma rapsódia de rótulas. Esta evidência transformou-se em casamento. No meu imaginário, é um casamento estático, uma vez que o único vestígio que existe desse dia é uma fotografia. Imagem em jeito de prova e que, com o passar do tempo, fixa de uma maneira hegemónica todas as recordações de uma época. Seguiram-se alguns passeios românticos, um filho, depois outro e, por fim, um nado-morto. Como imaginar a violência do passado, a violência de uma época em que se perdia um filho como quem falha um degrau? Diagnosticara-se a morte da criança ao sexto mês de gravidez. A minha avó sentira, de facto, que ele já não se mexia, mas

¹ Referência ao romance de Romain Gary, *Au-delà de cette limite votre ticket n'est plus valable*. (N. da T.)

não disse nada, recusando-se a verbalizar a sua angústia, sem dúvida para tentar convencer-se de que nada acontecera na verdade. Como os adultos, os bebês tinham o direito de descansar. Cansados de dar voltas no útero. E, depois, sentira-se obrigada a reconhecer a atroz realidade: uma ausência instalara-se no seu ventre. Passaria, então, três meses à espera que a morte saísse de dentro dela. No dia do parto, seguiu-se o procedimento clássico. A criança foi expulsa, em silêncio. Em vez de uma manta quente, embrulharam-na numa mortalha. Ao filho sem vida chamaram Michel. A minha avó não teve tempo para se deprimir. Era preciso trabalhar, cuidar dos outros filhos. Mais tarde, tornou a engravidar; sempre achei estranho, mas eles deram a esse rapazinho o nome Michel. O meu pai é, por isso, o segundo Michel, que cresceu sob o fantasma do predecessor nado-morto. Não era invulgar, naquela época, dar-se o nome de um morto a um filho. Tentei muitas vezes aproximar-me do meu pai, antes de desistir. Atribuí a sua fuga incessante ao fantasma com quem coabitava. Procuramos sempre justificações para a estreiteza afetiva dos nossos pais. Procuramos sempre justificações para a falta de amor que nos corrói. Por vezes, não há simplesmente nada a dizer.

Os anos passaram, houve guerras e muros, e os dois primeiros filhos abandonaram a casa familiar. O meu pai ficou sozinho com os pais, e esse período pareceu-lhe, no mínimo, estranho. De repente, era filho único. Todas as atenções se concentravam nele, sufocando-o. Como tal, acabou também por partir, de forma um pouco prematura, para cumprir o serviço militar. Ele, que era frouxo e pacifista. A minha avó lembrava-se do dia em que o seu último filho saía de casa. O meu avô, para desdramatizar, soprara-lhe «Enfim sós!», uma tentativa estéril de disfarçar o pavor. Tinham acendido a televisão durante o jantar, coisa que fora sempre proibida quando os filhos viviam lá em casa. Substituía-se o relato de um dia de escola pelo de um conflito afegão. Esta recordação assombrava a minha avó, que nela vira a linha de partida da solidão. À semelhança dos dois irmãos mais velhos, Michel passaria por casa de tempos a tempos, sem avisar, para lavar a sua roupa e jantar. Depois, com o correr dos anos, passaria a anunciar a sua vinda. Até

acabar por escrever na agenda, com vários dias de antecedência, «jantar em casa dos meus pais», quando previa fazer-lhes uma visita.

Os meus avós decidiram, então, mudar-se para um apartamento mais pequeno, porque «desperdiçar divisões vazias não é coisa que se faça». Penso que, sobretudo, já não queria essa visão quotidiana do passado, os quartos cheios da sua memória afetiva. Os lugares são a memória e ainda são mais do que isso: os lugares sobrevivem à memória. Felizes no seu novo apartamento, quase pareciam um jovem casal em início de vida. E, no entanto, era à velhice que davam início. Encetando a sua luta contra o tempo. Perguntei-me tantas vezes como passariam os seus dias. Já não trabalhavam, os filhos visitavam-nos com menos frequência, os netos ainda menos. A vida social de ambos também se fora reduzindo, rasando a extinção em certas semanas, e o telefone tocava, sobretudo, para tentativas de venda ao domicílio. Podia ser-se velho e conservar um interesse comercial. Pergunto-me, afinal, se a minha avó não gostaria de se deixar assediar. O meu avô enervava-se: «Desliga! Mas porque lhes contas tu a tua vida?» Punha-se a andar às voltas, vermelho de raiva: «Ela irrita-me, ela irrita-me, já não a suporto.» Sempre me fascinou esta rotina da irritação entre eles, e levei algum tempo a identificar nela uma espécie de jogo melodramático. Discutiam um com o outro, trocavam olhares cruéis e, no entanto, nunca passaram um dia separados. Nunca conheceram o modo de emprego da vida autónoma. As discussões tinham o condão de sublinhar o sentimento de estar vivo. Na harmonia conjugal, morreu-se certamente mais depressa.

E, depois, um pormenor mudou tudo. Este pormenor foi um sabonete. O meu avô tinha sobrevivido à guerra: fora ferido, logo nos primeiros dias de combate, pela explosão de uma granada. A escassos metros do lugar onde se encontrava, morrera o seu melhor amigo, pulverizado. O corpo estilhaçado deste soldado atenuara, aliás, o impacto da granada, protegendo-o a ele, deixando-o atordoado, mas salvo. Penso muitas vezes nesta granada que, se tivesse caído alguns metros mais perto, teria morto o meu avô.

Tudo aquilo que eu vivo, a respiração das minhas horas e os batimentos do meu coração, deve a sua existência a alguns metros. Talvez seja mesmo uma questão de centímetros. Por vezes, quando me sinto feliz, quando contemplo uma mulher suíça ou uma paisagem malva, penso na inclinação da granada, penso em cada pormenor que terá levado o soldado alemão a lançar a sua granada aqui e agora, e não ali e um segundo mais cedo ou mais tarde, penso nessa vertigem do ínfimo que faz com que eu esteja aqui. E com que o meu avô estivesse, portanto, lá, ainda em vida e ditoso por ter escapado àquele inferno do qual nada compreendia.

Volto a insistir no pormenor, porque é o pormenor que me enlouquece. Uma simples queda, e a vida dele virou-se do avesso. Alguns milímetros foram suficientes para mergulhar um homem no perímetro da agonia. O meu avô caiu no duche por causa de um sabonete (penso nesta palavra: «sabonete»). Partiu duas costelas e fraturou o crânio. Vi-o nesse momento. Estava enfraquecido, mas julguei que voltaria a recuperar, que a vida recomeçaria, como dantes. No entanto, nunca mais voltaria a haver um «como dantes». Seguir-se-iam os problemas físicos em cadeia, até ao último dia. No início, senti-me muito mal, não suportava vê-lo assim, um homem ferido. Ele odiava as visitas, odiava ver-nos à volta da sua cama de hospital, odiava os nossos sorrisos piedosos. Não queria ser amado, queria ser esquecido, não queria que ninguém lhe lembrasse o quanto se sentia miserável. A minha avó fazia-lhe companhia todas as tardes, tricotando, e eu sabia que mesmo essa presença lhe era insuportável. A vontade dele era expulsá-la dali para fora, a vontade dele era que nós o deixássemos em paz, a morrer. Este período durou tanto tempo, com anginas incessantes e infeções pulmonares, como se o meu avô devesse pagar por uma vida inteira de saúde. E, a certa altura, foi-lhe identificada uma lesão num olho. Ele já não via quase nada. E meteu na cabeça que podia recuperar aquela vista completamente. Dispunha-se a fazer todos os exercícios, a vergar-se às ordens dos militantes da esperança. Porém, o sofrimento queimava-lhe o rosto. O seu outro olho piscava de maneira patética, como se gritasse por socorro. Dias havia em que estava desfigurado.

E, agora, está morto.

No quarto, diante do seu cadáver, uma imagem fixou-me o olhar: a mosca. Uma mosca pousada no seu rosto. Era isto, então, a morte: quando as moscas pousam sobre nós e já não podemos enxotá-las. Foi esta imagem que mais me custou. A da sua imobilidade agredida por essa grande puta de mosca. Desde então, esmago todas as moscas. Já não se pode dizer a meu respeito: ele não faz mal a uma mosca. Aquela mosca, pensei-o muitas vezes depois disso, não sabia onde tinha pousado as suas patas de mosca, ignorava tudo o que dizia respeito à vida do meu avô, detivera-se no seu último esgar, sem saber sequer que aquele homem fora um adulto, um adolescente, um recém-nascido. Fiquei a observá-la muito tempo, e, depois, chegou o meu pai. Com uma cara que eu não lhe conhecia. Pela primeira vez, via-o chorar. Era tão estranho, para mim, assistir àquilo. As suas lágrimas eram um peixe com pernas. Eu sempre tivera a ideia de que os pais não choram. Ao dar-nos vida, secavam-se-lhes os olhos. Ficámos ali, mudos, o que não alterava os nossos hábitos. E, no entanto, havia como que um constrangimento. O de exteriorizar um desgosto. Nos dias bons, eu ainda podia pensar que a segura afetiva do meu pai era uma forma de pudor. E eis que esse pudor estava comprometido. Sentíamos-nos constrangidos por mostrar a nossa dor. E, ao mesmo tempo, presos que estamos à encenação permanente das nossas vidas, queremos que isso se veja. Choramos para mostrar aos outros que choramos.

Ficámos um longo momento sem falar. Três gerações de homens. Ocorreu-me que o meu pai seria o próximo, e era isso que ele também devia estar a pensar. Como numa guerra de trincheiras, ao cair o soldado que se encontra à nossa frente, vemo-nos empurrados para a primeira fila do massacre. O pai é aquele que impede a morte, que protege. Quando já não está presente, eis-nos ao alcance do vazio. Contemplei longamente o meu avô e, no entanto, não era ele. Eu tinha amado e conhecido um homem vivo. Ali estava uma máscara de cera, um corpo sem alma, uma encarnação grotesca da vida que se escapa.

Todos os membros da família foram chegando, um a um — procição sinistra do último dia. E a minha avó, como não podia deixar de ser, profundamente digna, conseguiu manter-se de pé enquanto cada parcela do seu ser se desmoronava. Depois, começou a gritar, de repente. Gritos de dor, em que berrava o seu desejo de se lhe juntar o mais depressa possível. Existe nesta geração que agora se vai a ideia concreta de que estamos unidos para a vida e para a morte. Passar uma vida a dois é também morrer a dois. Senti que ela estava a ser sincera. Urgia impedi-la. Tentaram acalmá-la, fazê-la beber um pouco de água, mas a sua dor continuava a parecer-me insustentável. Alguns dias mais tarde, no cemitério, deteve-se uns instantes diante da sepultura. Ciente de que estava a deitar uma flor sobre a sua futura morada. Já não chovia, chorámos. Tentámos resumi-lo um pouco, esboçar as recordações de uma vida. Depois, puseram-no sob a terra — e acabou.

2

Uma recordação do meu avô

Era um domingo maravilhoso. O meu avô acabara de comprar um carro e estava orgulhosíssimo. Dizia «o meu automóvel» como se dissesse «o meu filho». Ter um carro significava ter tido êxito na vida. Propôs a toda a família um passeio pela floresta. A minha avó preparou um piquenique. E esta palavra, «piquenique», parecia tão mágica. Guiou devagar, com a mulher sentada à sua direita e os três rapazes apertados no banco de trás. Poderiam ter ido até ao mar — a própria Lua parecia tangível. Encontrou um recanto bonito na floresta, à beira de um lago. O sol passava por entre a ramagem das árvores, concedendo à imagem daquele dia como que o esplendor de um sonho.

O meu avô amava profundamente a sua mulher. Admirava a sua força e a sua doçura, respeitava as suas qualidades morais. Isso não o impedira de se sentir atraído por outras mulheres, mas, naquele momento, nada mais existia. Era apenas o domingo em família, com as sanduíches. Todos

tinham fome. O meu avô engoliu o seu primeiro bocado, e foi como que uma aceleração da felicidade. Adorava o pão, o fiambre, mas a mulher tivera o cuidado de acrescentar uma maionese² caseira divinal. Aquela maionese excedia tudo, aquela maionese cristalizava a beleza da sua mais bela recordação.

² Anos mais tarde, perguntaria à mulher: «Podes fazer a tua maionese?» Ao que ela respondeu: «Já não me lembro da receita.» Não aceitando esta resposta, vendo nela certamente muito mais do que o esquecimento de um ingrediente, quem sabe o fim de uma época, ou qualquer coisa de tragicamente acabado, obrigou-a a reproduzir a famosa maionese. Ficou horas na cozinha com ela, a provar cada tentativa, enfurecendo-se com uma casca de limão inoportuna. Nada a fazer. Não havia maneira de recuperar essa estranha fórmula de paraíso perdido.